

ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

Neolitização em Portugal

O público e o privado na
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização
de sítios arqueológicos



Titulo
Arqueologia e História

Volume
55

Edição
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção
José Morais Arnaud

Coordenação
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico
oficina de design Nuno Vale Cardoso Et Nina Barreiros

Impressão
Publidisa

Tiragem
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses
ISSN
972/9451-39-7

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

O Museu do Carmo e o coleccionador Visconde de São Januário: orientalismo e americanismo nas colecções oitocentistas¹

Manuela Cantinho²

Resumo

Dentro de uma temática mais genérica relativa à contribuição do Visconde de São Januário como coleccionador e promotor da salvaguarda do Património Histórico-Cultural, interessa avaliar o papel que as suas colecções tiveram no desenvolvimento de uma perspectiva teórica durante as últimas décadas do século XIX em Portugal. Destacam-se duas componentes fundamentais desse coleccionismo, uma de cariz orientalista e outra dentro da corrente do americanismo dos finais de Oitocentos.

Internacionalização da Antropologia e Arqueologia Pré-histórica

A Associação dos Arquitectos Civis Portugueses (AAP), criada em 1863 teve como objectivo inicial, a conservação do património arquitectónico e artístico, surgindo desde logo a ideia de criar um museu (1866) para a sua salvaguarda e ainda, várias propostas de alcance social, como a da construção de bairros operários. Poderíamos evidenciar diversos nomes de sócios com formação científica cujas recolhas se inserem em diferentes contextos institucionais, refiro o Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu da Escola Politécnica ou o Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa, confluindo nalguns casos para uma proposta especulativa comum como foram as de Carlos Ribeiro e Visconde de S. Januário. Colaboração estreita entre a vertente arqueológica por via da pré-história e a vertente antropológica numa fase embrionária, abrindo à especulação comparativa os *testemunhos materiais* dos "primitivos antigos e actuais", como seria o caso das colecções da Associação dos Arqueólogos para as quais o Visconde de S. Januário deu um contributo decisivo. Durante a reunião da *Sociedade Italiana de Ciências Naturaes*, realizada em Spezzia em 1865, surgiu a ideia de se organizar um *Congresso Internacional de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica*. A primeira reunião ficou marcada para o ano seguinte em Neuchâtel. Para o segundo encontro, aproveitar-se-ia a grande afluência à Exposição Universal de 1867 realizada em Paris. As colecções do mundo inteiro foram enviadas a este evento, obtendo-se para a *archeologia prehistorica* e para a *anthropologia* numerosos termos de comparação. Os primeiros estudos "paleoantropológicos" e de arqueologia pré-histórica em Portugal, realizados pelo grupo da Comissão Geológica (1857) durante os trabalhos de prospecção e levantamento geológico do país, contribuíram para a emergência daquelas disciplinas. As descobertas dos concheiros e esqueletos em Muge e no Cabeço da Arruda, dariam início a uma série de trabalhos que se publicariam na sequência dos vários achados arqueológicos realizados pelo médico Francisco António Pereira da Costa (1809-1889), Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908) e Car-

los Ribeiro (1813-1882). Este último, engenheiro militar e director da Comissão, no início da década de 70 tentou defender a existência do homem do terciário em Portugal. Em 1872, seria enviado pelo Governo ao VI Congresso de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica que se realizou em Bruxelas. Portugal fez-se representar ainda pela Associação dos Arquitectos Civis Portugueses, que quatro meses depois alteraria a sua designação para Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses³. A realização desses congressos, teve início em 1866 em Neuchâtel,⁴ altura em que começa a impor-se – após alguma resistência – a perspectiva paleontológica sobre a antiguidade da espécie humana. Se a tradição e a história eram completamente mudas a respeito da existência das primitivas raças humanas, supria-as a geologia, arqueologia e a paleontologia como referia Carlos Ribeiro (1873: 4). Em Portugal assistiu-se a uma revalorização de acervos entrados no esquecimento, tais como as colecções ameríndias existentes na Academia de Ciências desde 1836, que durante os anos 60 e 90 figurariam em várias grandes exposições: nomeadamente as Universais de Paris (1867) e Viena (1873) e a Colombiana de Madrid (1893).

Após o VI Congresso Carlos Ribeiro, no relatório que então apresentou, destacou o papel determinante que a Dinamarca tivera na criação desses importantes encontros internacionais (Ribeiro, C., 1873:5). Texto que evidenciava a explicação que o professor dinamarquês Jean-Jacques Worsaae⁵ dera durante o congresso de 1869 realizado em Copenhaga. Este realçara o papel que o "movimento espontâneo" – a que não era alheio o sentimento de patriotismo – tivera no nascimento e *afecção* até então desconhecidos pelas "(...) antiguidades e monumentos nacionais (...)" (Id.) no norte da Escandinávia e da Alemanha. Não eram países arqueologicamente *ilustres* como referia Worsaae, o que tinha permitido que um *sistema tão novo* – oposto a tudo o que a literatura e arqueologia clássicas tinham desenvolvido – surgisse então no norte da Europa, onde nem os gregos nem os romanos tinham feito conquistas. Onde a *civilização clássica* não pudera destruir totalmente a civilização nacional. As escavações feitas na Dinamarca e na Suécia durante vários anos, tinham revelado inúmeros

objectos de indústrias humanas antigas e possibilitado a constituição de numerosas colecções públicas e particulares. Recolhas que conduziram a diversos estudos etnográficos, permitindo que os *sabios do norte* entendessem "(...)" que os primeiros habitantes da Escandinávia foram povos *selvagens*." (Id.). Nestes termos, era possível concluir por um lado, que os objectos encontrados não eram os *objectos sagrados* dos antigos godos mas os objectos domésticos daqueles povos, e por outro, que "(...)" as raças de anões e de gigantes legendários da Escandinávia foram povos de raças diferentes que em remotos tempos habitaram aqueles paizes." (Id.:5). Esta *nova escola*, como referia Carlos Ribeiro, depois de se estender pelo mundo fundara "(...)" uma *ethnographia comparada*, até então desconhecida "(...)", ilustrando de um modo inesperado a história primitiva do homem e obrigando os eruditos da antiguidade clássica a aceita-la (Id.:4).

Carlos Ribeiro em 1873 tornar-se-ia sócio da Associação dos Arqueólogos de Lisboa⁶ e em 1875 um dos sócios fundadores da Sociedade de Geografia. Morreria dois anos após a realização em Lisboa em 1880 do IX Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, que de uma forma tão empenhada ajudara a organizar.

Nesse encontro de 1872, voltara a afirmar-se a necessidade de se aferir a existência de analogias entre os "homens das cavernas" com os das populações "trogoditas" das outras partes da Europa ocidental, e ainda, com os "selvagens da época actual". Tese que teria repercussão em Portugal, tanto na utilização que se iria dar às colecções já existentes – tais como as colecções ameríndias da Academia de Ciências –, como na constituição de novas, como foi o caso das reunidas pelo Visconde de S. Januário para o Museu do Carmo.

O ano de 1867 será certamente decisivo ao participar na Exposição Universal de Paris com um núcleo de objectos arqueológicos – pelos quais receberia uma medalha –, e ainda no "II Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica" que nesse ano se realizaria também naquela cidade. A ideia – como aliás já foi salientado –, era a de aproveitar a confluência de colecções arqueológicas de diferentes zonas da Europa, bem como de

colecções dos *primitivos* contemporâneos e antigos para se poder proceder a estudos comparativos. A partir da década de 70 esta Associação inflectiu decisivamente pela vertente arqueológica, ligando-se nomeadamente a Francisco Martins Sarmento (1833-1899) responsável pelo projecto de escavações das Citânias de Briteiros e de Sabroso. A componente arqueológica, pré-histórica e por consequência, a antropologia por via dos estudos comparativos, ficaria deste modo assegurada.

Esta perspectiva da AAP enquadra-se no que vinha a ser divulgado desde os meados dos anos 70, nos referidos Congressos Internacionais, "Por toda a parte a observação dos factos tem provado que os povos incultos e selvagens, com raras excepções, não são a degenerescência de outros mais elevados em civilização, (...)" (Corvo, J., 1881: 62-63).

Em 1877, a AAP receberia um convite para participar na *Exposition des Sciences Anthropologiques*, integrada na Exposição Universal de Paris a realizar em 1878. Emile Cartailhac (1845-1921), no convite que enviou, agradeceria a J. Possidónio N. da Silva a colaboração que este dera na sua revista *Les nouvelles archéologiques* e insistia com o presidente da AAP para que conseguisse uma participação portuguesa. O facto da exposição de antropologia se realizar no Palácio do Trocadéro acrescentava, não diminuiria a participação do país concorrente à exposição universal propriamente dita. Face à insistência de Gabriel de Mortillet (1821-1898) e de E. Cartailhac, a AAP decidiu enviar 114 objectos arqueológicos do seu museu⁷.

Coleccionismo asiático

"(...) elles [les nations européennes] savent qu'un lien caché, mais puissant, réunit toute l'humanité (...)"⁸

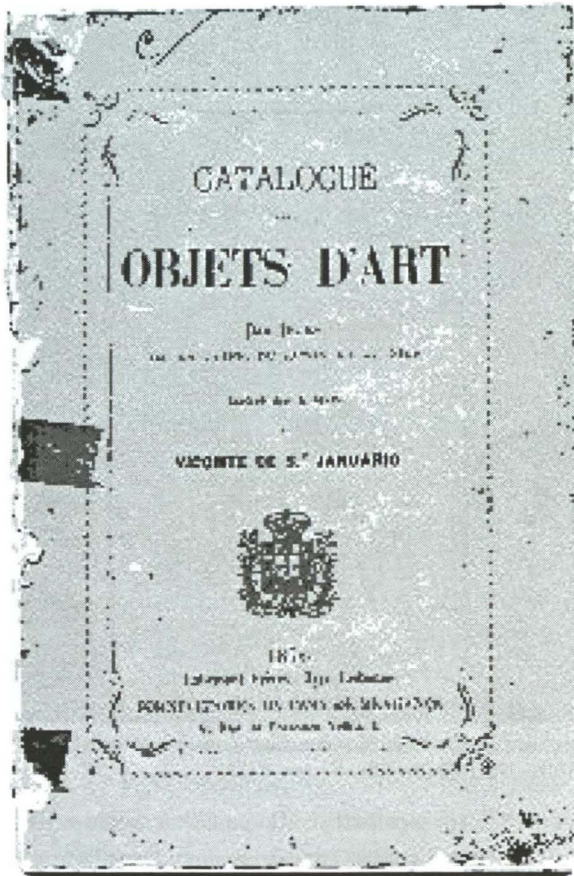
O Visconde de São Januário, militar de carreira, bacharel em matemática pela Universidade de Coimbra, com grande experiência colonial e diplomática, evidenciou desde muito cedo um interesse particular pela constituição de colecções. Aproveitaria as suas missões, como governador-geral primeiro na Índia (1870-1872), depois em Macau (1872-1874), e finalmente



Visconde de São Januário - Januário Correia de Almeida (1829-1902) (Fonte: SGL, N.º Inv. 6233)

como ministro plenipotenciário na China, Japão e *Sião*, para reunir um espólio considerável conforme o atesta o *Catalogue des objets d'art: des Indes, de la Chine, du Japon et du Siam* de 1876 (Fig. 1), relativo à exposição que o mesmo organizou na sua "galeria". A nota introdutória do catálogo de Pedro Gaston Mesnier⁹ (1846-1884) justificava as razões da exposição, evidenciando a perspectiva evolucionista subjacente à sua organização, que neste contexto asiático apresentava alguma especificidade.

A visão particular que se tinha da evolução das Belas Artes, sobretudo na Índia, China e Japão era algo paradoxal. Baseava-se na tese de que devido aos "regimes despóticos" daqueles países, as artes não tinham tido condições para evoluir completamente. Regimes cuja sequência fora também ela evolutiva, *despotismo da natureza* (estado selvagem), *despotismo feudal* (primeira fase organizativa) e enfim o *despotismo imperial* no caso da China. Fase última durante a qual aquelas nações teriam sido lançadas para um *mutismo inexorável* (Mesnier, 1876: 7). Para além dessa limitação, a Ásia tinha ainda uma crença de *doçura e resignação*, o Budismo,



1. Frontispício do Catálogo da Exposição realizada por Visconde de São Januário e Gastão Mesnier

que partindo da Índia passara "(...) comme un souffle anesthésique (...)" sobre as dores destes povos asiáticos. (Id.:8). Pelo contrário, acrescentava Mesnier, os povos ocidentais, dado os seus regimes democráticos tinham conseguido um desenvolvimento pleno das suas Artes, eram os únicos "(...) qui possèdent une évolution artistique complète (...)" (Id.: 7).

A exposição deste acervo particular na galeria do Visconde de S. Januário, teve como objectivo prioritário dar a conhecer a evolução histórica da arte desses povos até à fase em que esta estacionara. Tal como referia Mesnier, o período em que as relações internacionais eram violentas e *brutais* tinha terminado e as nações europeias haviam ultrapassado a sua atitude repulsiva em relação aos outros povos, propondo-se descobrir o que ligava toda a Humanidade. Era precisamente essa *corda misteriosa* que os pioneiros da propaganda civilizadora procuravam fazer *vibrar*, escutando a língua, os

costumes, a religião, as artes, a vida íntima dos povos, pois era aí, nesses povos desconhecidos e esquecidos que se encontrava um dos elos da grande corrente da civilização (Id.: 6).

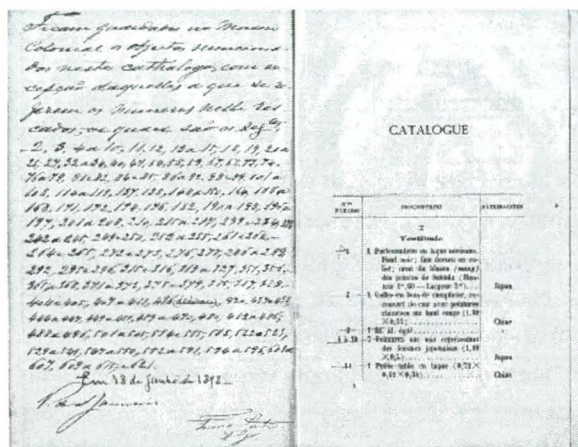
Esta intenção expressa de mostrar a "evolução" do Extremo Oriente, utilizando colecções de arte altera a forma como estas eram vistas no Ocidente até quase aos finais daquele século. Os especialistas da "arte antiga" do Extremo Oriente valorizavam-na sobretudo pelas suas qualidades decorativas e incluíam os objectos orientais nas grandes exposições.

O europeu sentia-se atraído pela beleza e exotismo do Oriente e o final do século XIX traria um novo impulso a essa atracção. À *Chinoiserie* sucedeu o *Japonismo*. O Japão mostrava-se mais aberto para estabelecer relações comerciais com o mundo ocidental. Desde muito cedo os seus *objectos* começaram a confluir aos grandes espaços expositivos, embora só em 1867 aquele país tivesse enviado uma representação oficial.

A partir dos finais do século XIX parece ter sido possível, em termos internacionais, aceitar o que há algum tempo os especialistas em arte asiática antiga afirmavam. Por via da arte japonesa, existia um *período clássico* na arte do Extremo Oriente e o génio japonês tinha algo de "(...) profondément classique dans son apparence étrange (...)", referiria uns anos depois Théodore de Wyzewa a propósito da galeria da História do Trabalho na Exposição Universal de Paris (Wyzewa, 1889:546). Havia que admitir que para além das qualidades decorativas dos objectos chegados ao mercado ocidental, a sua *arte antiga* teria direito a ser colocada ao lado da "grande arte" ocidental nos museus. Na exposição Universal de 1889 em Paris a "secção de arqueologia e de ciências antropológicas" continuava a ter dificuldades em integrar o Japão, parecendo que o *Japonismo* dos colecionadores se mantinha presente, pois os objectos que ali foram expostos "(...) poupées et bols à thé, bronzes et céramiques, tissus, peignes, netsukés, gardes d'épée, masques etc. (...)", acumulavam-se como referia Geneviève Lacambre (1983:301). O país, esse, continuava distante e por descobrir.

Embora a *arte ocidental* se tivesse mostrado ávida na sua busca de soluções estéticas novas, acabando por ser influenciada pela arte japonesa, o incómodo e a dificuldade em termos teóricos de classificar estes povos com *escrita*, era evidente. Como refere Nélia Dias, o Museu do Trocadéro teve algumas dificuldades na integração das colecções asiáticas, pois estas "Provenant de civilisations très anciennes et dotées d'écriture, les collections orientales relevaient d'une domaine difficile à classer, à la frontière de l'achéologie et de l'histoire de l'art." Apesar da *antiguidade* não ser suficiente para explicar a sua separação dos museus etnográficos (1991: 186).

Os vários exemplos de grandes colecções recolhidas em contextos asiáticos por Émile Guimet¹⁰ – patente na exposição de 1878 em Paris e que daria origem ao Museu Guimet uns anos mais tarde –, pelo marquês d'Hervey de Saint-Denis (1851, 1867...) ou pelo visconde de Bezanne (1878), trazidas para a Europa sobretudo a partir dos anos 50, 60 e 70, tinham proporcionado uma abordagem e especialização sob o ponto de vista da História de Arte. O que Visconde de S. Januário tentou em 1876 na sua *galeria* foi um pouco diferente. Tratava-se de encontrar um suporte teórico, com recurso a um conjunto de objectos que em termos históricos considerava representativos dos vários períodos da *evolução artística* da Índia, da China e do Japão. A exposição obedecia a uma lógica cronológica predeterminada, sendo colocados lado a lado, os objectos da China, da Índia e do Japão – e nalguns casos objectos do *Sião*, da Pérsia, do Ceilão e da Coreia –, tentando evidenciar a influência das Belas-Artes entre si. O impulso primordial partira segundo ele da Índia, que influenciara a China, que por sua vez influenciara todo o Extremo Oriente. Pano de fundo que serviria sobretudo para demonstrar que também ali, se verificava a teoria evolucionista de cariz determinista. Neste caso, não fora o *despotismo ibérico*, que provocara uma atonia temporária, mas sim os *despotismos sucessivos* (natureza, feudal e imperial) a que se referia Gastão Mesnier, que culminariam na morte inexorável da capacidade criativa desses povos cuja dor fora anestesiada pelo *Budismo*. Embora o espírito caritativo característico do *Budismo* tivesse, segundo Gastão Mesnier, permitido àqueles povos a consciência



2. Nota de depósito (inscrita no próprio catálogo da exposição) feita pelo Visconde de São Januário em 1878 antes da sua partida em missão diplomática para as republicas da América do Sul (SGL, Correspondência-1878)

de si próprios, certos defeitos orgânicos – como a falta de espírito indutivo – tinham travado a sua evolução (Mesnier, 1876:8).

Perspectiva que assume uma importância fundamental se tivermos em consideração as teorias então desenvolvidas na Europa, relativamente à especificidade das culturas orientais.

Desconhece-se o destino duma componente importante desta colecção de cerca de 650 objectos. Sabe-se que uma parte substancial foi colocada pelo Visconde de S. Januário em depósito (1878) no Museu Colonial de Lisboa (MCL) da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar na Rua do Arsenal (Fig. 2). Este conjunto viria a ser doado ao referido museu e em 1892 incorporado – com o restante acervo do MCL – no Museu Colonial e Etnográfico da Sociedade de Geografia.

Dentro da componente oriental regista-se que o Visconde de S. Januário ofereceu em 1875 uma colecção de 16 instrumentos musicais chineses à AAP, alguns dos quais fazem ainda hoje parte do acervo do Museu do Carmo.

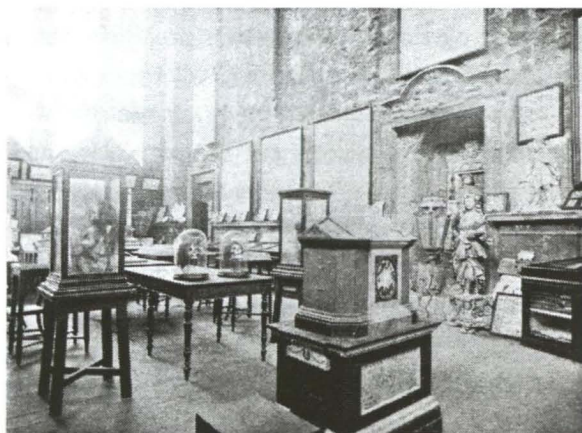
Contexto americanista

No ano de 1878 o Visconde de S. Januário partiria com destino à América do Sul em missão diplomática. Ai, deveria proceder a um estudo sobre a possibilidade de se estabelecerem com esses países relações comerciais e de exploração agrícola e mineralógica, tentando inte-

ressar eventuais investidores, face às dificuldades surgidas com explorações e o reconhecimento das colónias portuguesas.

A viagem durou cerca de um ano. Dela resultaram algumas monografias publicadas pelos países que visitou e a constituição de colecções, entre as quais uma de carácter arqueológico e etnográfico. Regressou em finais de 1879. No início de 1880 o Boletim da Associação dos Arqueólogos anunciava a recepção de "preciosas colecções" do México e do Peru referindo que em breve seriam expostas nas instalações do Museu do Carmo, podendo então ser admirados, objectos "(...) inteiramente novos em Portugal." afirmava-se.¹¹ De facto alguns dos objectos, eram inéditos no nosso país (Fig. 3).

Da exposição que então foi feita, segundo se depreende, só terá sido mostrada uma parte da colecção adquirida pelo Visconde de S. Januário na América do Sul. Ter-se-á também exposto alguma documentação relacionada com a viagem – cartas geográficas, fotografias, obras publicadas –, as condecorações recebidas e é claro, uma selecção do acervo adquirido (Fig. 4). Todos os objectos de arqueologia foram oferecidos à Associação dos Arqueólogos, embora não se discriminassem quais. Parte-se do princípio que as colecções ornitológicas e mineralógicas tiveram como destino outras instituições científicas portuguesas, como inicialmente fora programado.



3. Uma das duas "múmiás peruanas" e duas das cinco cabeças mumificadas que o Visconde de S. Januário recolheu durante a missão diplomática às repúblicas da América do Sul.
Foto: Museu do Carmo



4. Exposição realizada no Museu do Carmo em 1880 com as colecções que Visconde de São Januário trouxera da América do Sul (Fonte: BAAP, n.º 1, 1880)

Do Quadro 1 que se apresenta e que resulta dos dados publicados no *Boletim* da AAP, não constam portanto objectos que terão sido doados ao Museu do Carmo possivelmente entre 1884 e 1886. Por outro lado, vários artefactos expostos em 1881, não viriam a fazer parte do catálogo do museu elaborado uns anos depois, como por exemplo os *ídolos de bronze* ou a *urna funerária* (Quadro 2). Coloca-se a hipótese – dada a natureza que lhes foi atribuída –, de terem sido oferecidos a outras instituições científicas, ficando a ideia de que por um lado os objectos descritos no *Boletim* não cobrem todo o acervo trazido pelo Visconde de S. Januário e de que nem tudo o que esteve na exposição veio a fazer parte do acervo do Museu do Carmo, quer em 1880, quer posteriormente em 1884 ou 1886.

Quadro 1

Colecção particular do Visconde de São Januário: objectos ameríndios que constavam da descrição feita no Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses (n.º 1, 1880)

Itens	Descrição	N.º x.
1	Colecção ornitológica do México	100
2	Colecção mineralógica do México, Peru e Chile	400
3	Urna funerária (barro preto, figuras em relevo e hieróglifos)	1
4	Ídolos em bronze do Peru	s/q
5	Ídolos em barro do México	s/q
6	Buzina (cauda de tatu)	1
7	Figuras do México em barro vermelho (sentadas sobre os calcanhares, rei e rainha)	2
8	Figura em barro de cor preta	1
9	Máscara em barro escuro (de um índio, escultura tosca)	1
10	Moringues em barro preto do Peru (outros com configuração de animais e pássaros)	[12]
11	Ídolos de barro (achados nas antigas sepulturas)	s/q
12	Animais do México	2
13	Modelo em tamanho natural (representa um soberano inca)	1

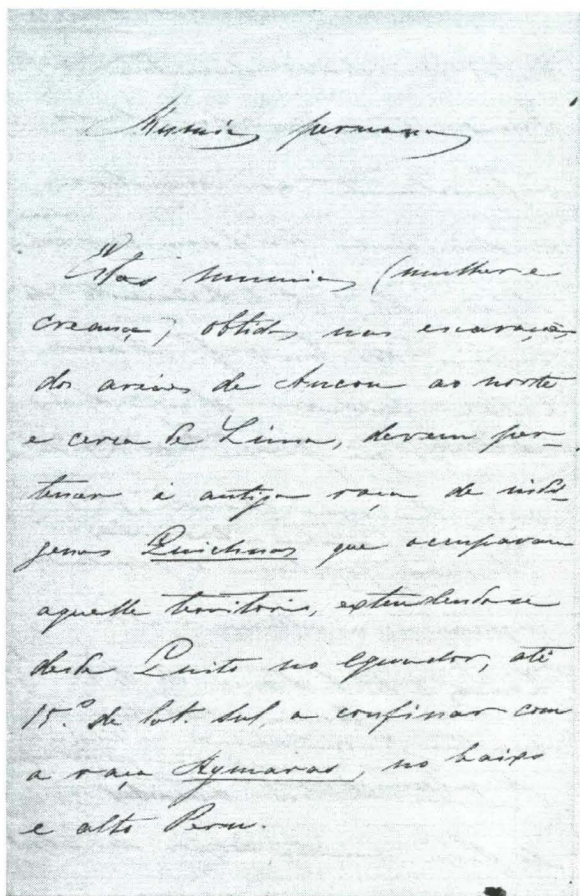
Existe um documento no arquivo da Sociedade de Geografia elaborado pelo Visconde de S. Januário com data de 17 de Agosto de 1884¹², que refere as "múmiás peruanas", como ele próprio as designou¹³. Nele descreve as circunstâncias em que as mesmas foram recolhidas, tenta avançar com hipóteses relativamente à "raça de indígenas" a que pertenceriam (*quichnas*), ou ainda à sua datação. Trata-se de um apontamento sem nenhum carácter oficial, que se encontra rasurado (Fig.5). Estes objectos fazem actualmente parte do acervo do museu da AAP.

Quadro 2

Colecção particular do Visconde de São Januário: Objectos ameríndios que constam do Catálogo do Museu do Carmo (1891)

Itens	Descrição	N.º ex.
1	Múmiás do Peru (mulher e criança)	2
2	Cabeças de ídolos do Peru (mumificadas?)	5
3	Vasos para diferentes usos	s/q
4	Feitiço masculino de madeira (dos <i>aztèques</i>)	1
5	Ídolo de pedra	s/q
6	Assobios de argila (com diferentes feitios)	4
7	Clarinetas de argila	1
8	Fragmento de argila (imitando uma rã)	1
9	Modelo (com feitio de cadeira de braços)	1
10	Tijolo de barro (pequeno)	1
11	Barco (construído de palha)	1
12	Figurinha (representando um rei inca)	1
13	Fogareiros em argila	2
14	Tecido, com enfeites de cores	s/q
15	Fusos	5

Em termos teóricos as colecções que o Visconde de S. Januário adquiriu, faziam todo o sentido no museu da AAP, pois através delas propunha-se acrescentar, sobretudo ao núcleo arqueológico já existente, uma componente comparativa que em termos teóricos era fundamental, a dos povos primitivos antigos e actuais. Os seus dinamizadores, pensavam poder vir a dotar o museu com um acervo "(...) tão útil não somente para os estudos antropológicos, como igualmente para paten-tear o culto que em Portugal se consagra às antigui-dades (...)" quer de Portugal, quer de outras partes do globo, a fim de se conhecer "(...) qual tem sido o desen-volvimento progressivo da civilização humana." (Silva, 1880: 25).



5. Primeira folha da nota do Visconde de S. Januário relativa às duas múmias peruanas (mulher e criança), segundo a qual estas terão sido "(...) obtidas nas escavações dos areais de Ancon ao norte e cerca de Lima (...)" (SGL, Correspondência-1884). Note-se que a palavra Ancon será Anca que em quetchua é a designação dada a todas as populações amazónicas, ou seja selvagens e não tanto um lugar específico como refere São Januário.

Os motivos que levaram este destacado sócio da AAP a doar estas colecções ao Museu do Carmo prendem-se naturalmente, por um lado, com a existência de uma corrente teórica no seio dessa associação e por outro, com o valor demonstrativo que a elas era atribuído. Embora com interesse "antropológico" eram consideradas essencialmente de carácter arqueológico.

Era intenção do Visconde de S. Januário fazer a distribuição das colecções por várias instituições científicas, ficando somente as de carácter "arqueológico" no Museu do Carmo. O que naturalmente terá acontecido com as colecções ornitológica do México e a mineralógica do México, Peru e Chile. Podendo-se colocar a

hipótese de ter havido alguma distribuição de objectos ameríndios – de contexto não arqueológico – por outras instituições, pois as datas das ofertas variam. Uma das vias plausíveis terá sido a cedência a terceiros, uma vez que a AAP teve esse mesmo procedimento com a Comissão Central Permanente de Geografia em 1876, quando pôs à disposição desta, "qualquer objecto do seu museu"¹⁴.

Embora fosse curioso saber-se o paradeiro de alguns destes objectos, o que interessa aqui realçar é a intenção que orientou estas recolhas, num momento em que se valorizavam internacionalmente as colecções ameríndias dos primitivos tanto actuais, como antigos, sobretudo do México e do Peru. Estruturava-se o americanismo. Como refere Pascal Riviale a recolha dos elementos que permitissem determinar o que caracterizava a raça, ou estabelecer eventuais filiações entre certos povos e contribuir assim para a história do povoamento humano era fundamental. "Dans cette optique, la collecte de spécimens de crânes, d'objets représentatifs de l'industrie et d'observations sur les mœurs des différentes peuplades rencontrées revêtait une importance cruciale (...)" (Riviale, 1995:209) O desenvolvimento da arqueologia pré-histórica nos meados do século XIX oferecia uma aplicação suplementar à etnografia (Id.: 210).

Da parte do Visconde de S. Januário existiu a intenção de dotar o país com colecções que permitissem esses estudos, servindo uma hipótese que importava comprovar.

Realça-se o papel que a Associação Portuguesa de Arqueologia teve durante as últimas décadas do século XIX no desenvolvimento dos estudos da pré-história e da arqueologia, permitindo por essa via assinalar-se mais uma contribuição para o surgimento da "antropologia portuguesa" em que todas as tentativas, embora dispersas, deverão ser identificadas.

Notas

¹ Conferência proferida na Associação dos Arqueólogos Portugueses a 17 de Outubro de 2002.

² Sócia da AAP.

³ Em 1909, passaria a *Real Associação dos Arqueólogos Portugueses* e com a implantação da República a *Associação dos Arqueólogos Portugueses*, designação que ainda mantém.

⁴ Seguiu-se Paris (1867) durante a Exposição Universal; Norwich (1868) presidida por John Lubbock; Copenhaga (1869) sem a presença portuguesa; Bolonha (1871); e finalmente Bruxelas (1872).

⁵ Jean-Jacques Asmussen Worsaae (1821-1885), director dos *museus de antiguidades e de etnografia*, presidente do Congresso de 1869 realizado em Copenhaga e professor de Arqueologia na Universidade de Copenhaga. Sobre a actividade de J.-Jacques Worsaae e a influência dos museus escandinavos na museologia etnográfica de então, nomeadamente em França v. Nélia Dias, *Le Musée d'ethnographie...*, 1991a, pp. 144-150.

⁶ Ver a proposta de Carlos Ribeiro relativa à necessidade de se criar um Museu Nacional de Arqueologia em Portugal, C. Ribeiro, "A Arqueologia", *BAAP*, 2ª série, T.I, 1874, pp. 5-8.

⁷ Ver *BAAP*, n.º 4, 1877.

⁸ Gaston Mesnier, "Observations préliminaires", *Catalogue des objets d'art...*, p. 5.

⁹ Redactor da *Gazeta de Portugal*, acompanharia o Visconde de S. Januário em diversas missões diplomáticas nomeadamente à Índia e às repúblicas americanas em 1878-79.

¹⁰ Émile Guimet (1836-1918) em 1876 foi incumbido pelo Ministério de Instrução Pública e de Belas Artes francês numa missão ao Japão, China e Índia para proceder ao estudo das religiões do Extremo Oriente. Ver Guimet, "Rapport au Ministre de l'Instruction Publique... sur la Mission Scientifique...", 1880.

¹¹ *BAAP*, n.º 1, 1880, p. 13.

¹² Data possível da segunda oferta.

¹³ SGL, *Correspondência-1884*, Nota de 17 de Agosto de 1884.

¹⁴ Ver SGL, *CCPG-Correspondência-1876*, doc. 404, carta de 8 de Dezembro de 1876.

Bibliografia

Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses, nº 1, 1880.

Catalogo do Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, Typ. Universal, 1891.

CANTINHO, Manuela, "As colecções etnográficas extra-europeias no séc. XIX: paradigmas de uma apropriação, fragmentos de uma realidade", *Os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa no Mundo*, pp. 469-488, (Actas do Curso de Verão de 1994), Lisboa, Universidade Lusitana Editora, 1996.

CANTINHO, Manuela, 1999, *O Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa: Modernidade, Colonialismo e Alteridade*, (Tese de Doutoramento), Lisboa, ISCTE.

DIAS, Nélia, 1991, *Le Musée d'ethnographie du Trocadéro (1878-1908)*, Paris, Editions CNRS.

LACAMBRE, G., 1983, "Japonisme", *Le livre des expositions universelles (1851-1989)*, Paris, Herscher, pp. 297-304.

MESNIER, Gaston, 1876, "Observations préliminaires sur les beaux-arts en Chine et au Japon", *Catalogue des objets d'art des Indes, de la Chine, du Japon et du Sian: Existants dans la Galerie de Vicomte de St. Janvier*, Lisboa, Lallement Frères, pp. 5-13.

RIBEIRO, Carlos, 1873, *Relatorio acerca da sexta reunião do Congresso de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica de Bruxelas em 1872*, Lisboa, Imprensa Nacional.

RIVIALE, Pascal, 1995, "L'Américanisme français a la vielle de la fondation de la Société des Américanistes", *Journal de la Société des Américanistes*, (81), pp. 207-229.

SILVA, Possidónio da, 1880, "Museu do Carmo em Lisboa", *BAAP*, n.º 1, pp. 25-27.

WYZEWA, Théodore de, 1889, "L'exposition de l'histoire du travail", *Gazette des Beaux-Arts*, T. 2.



Associação
dos Arqueólogos
Portugueses